

# A DEMOCRACIA VIOLENTADA<sup>1\*</sup>

*Norberto Bobbio*

Entre todas as ações criminosas que os homens podem realizar contra outros homens, o atentado é um dos que mais se aproxima do mal radical: é o delito máximo, o homicídio, dirigido conscientemente contra os inocentes. Aquele que coloca uma bomba letal em um trem ou na sala de espera de uma estação sabe com certeza que as vítimas que o seu gesto produz não têm, em relação ao fim ou aos fins a que ele se propõe, nenhuma culpa. Não atinge o inimigo, verdadeiro ou presumido, mas por capricho aqueles que por acaso se encontram naquele trem, ou naquela sala de espera, naquela praça. Não quero dizer que o terrorista não tenha um inimigo para atingir ou do qual se vingar. Mas o seu inimigo está em outro lugar: a chacina dos inocentes é apenas um meio para atingir indiretamente um inimigo que apenas ele sabe ou deve saber quem é e onde está. Talvez não exista modo mais perverso de reduzir o homem a um meio que o de considerar puro meio de um desenho desconhecido a sua morte violenta. [...]

Sempre fiquei um pouco perplexo diante da fórmula mais usada, ao menos no início: estratégia da tensão. Antes de tudo: existe mesmo uma estratégia única que liga um atentado a outro durante um longo período de tempo? Mas basta mesmo a tensão, produzida pelo pânico que, como todos os movimentos de multidão, suscita um estado de ânimo efêmero, para provocar efeitos duradouros? É difícil assim a busca de um projeto global para induzir justamente os mais informados comentadores a falar de uma pluralidade de fins. Mas qual o fim principal, quais os fins secundários? Foi dito também, com razão, que quando descobrirão de verdade, dado que isto possa suceder, “as razões vis e mesquinhas que armaram a mão dos assassinos”, ficarão aterrorizados. E se para além dos fins específicos existisse apenas, ou também, um irresistível delírio de potência? Matar é um modo para afirmar a própria superioridade. Qual maior expressão de potência que matar sozinho com um único ato não apenas um homem, mas muitos homens juntos? Matá-los ao seu arbítrio, escondido, como um demônio terrível e desconhecido?

Como escreveu Elias Canetti, em uma frase lapidar, que citei muitas vezes: “O segredo está no núcleo mais interno do poder”. Toda forma de poder tende a se tornar invisível porque quanto mais escondida mais eficaz é. [...] Democracia e poder invisível são incompatíveis: a invisibilidade favorece o exercício da violência. O uso político da violência é o que caracteriza os governos despotas, e distingue a democracia da ditadura. Quantas vezes fomos obrigados a repetir que a diferença entre ditadura e democracia e, portanto, entre o fascismo e a República,

<sup>1\*</sup> Este texto, extraído da Revista *Nuova Antologia* (n. 2191, Florença: Le Monnier, jul-set, 1994, pp. 253-255) é o fio da análise de Norberto Bobbio no relatório do congresso de Brescia sobre “Violência política e desestabilização antidemocrática”, ocorrido na cidade lombarda em maio de 1994 por ocasião do vigésimo aniversário do atentado à Piazza della Loggia. Foi republicado em *La Stampa*, 28 maggio 1994. Agradecemos ao Instituto Norberto Bobbio pela gentileza da cessão dos direitos de tradução e publicação deste texto. Tradução de Erica Salatini. Revisão técnica de Rafael Salatini.

está no uso e no não uso político da violência, e por este motivo não se pode ir além do fascismo e do antifascismo, como se fossem para colocar historicamente no mesmo plano. Mas como é difícil fazer entender! Como são obstinados e obtusos aqueles que não querem entender isso!

As regras fundamentais da democracia, as que permitem tomar decisões obrigatórias para toda a coletividade, prevêm dois modos essencialmente pacíficos de resolver os conflitos: a contratação e o princípio de maioria. Não são de fato regras imparciais em relação aos valores, como frequentemente se diz ou se acredita. Valem como regras democráticas apenas se respeitam alguns valores fundamentais: o da liberdade (se o voto não é livre, não é democrático), da igualdade (a democracia completa exige o sufrágio universal, vale dizer, a igualdade dos cidadãos em relação ao exercício dos direitos políticos), enfim o da não-violência. O método democrático é, em todos os seus aspectos, um método não violento. [...]

Nossa democracia, é verdade, nasceu da violência, mas contra a violência. Da violência passada contra a violência futura. Da guerra mais sangrenta na história do mundo, provocada por Hitler e apoiada por Mussolini, não se podia sair senão com a violência de uma guerra reparadora.

Mas os partidos antifascistas que se uniram em um Comitê de Liberação para colaborar com os exércitos aliados, mesmo que eles também tenham entrado em campo com armas, estabeleceram entre eles um pacto de não agressão recíproca, que foi mantido, e juntos fizeram o esforço, que foi respeitado, de dar vida a uma assembleia constituinte que deveria ter instituído, como de fato instituiu, uma Constituição democrática que, enquanto democracia, teria colocado os princípios de uma convivência pacífica entre os cidadãos.

São estes e não outros os fatos que estão na base da República, da primeira República, como de todas as outras que virão, se virão, ao menos até que a Itália seja uma democracia e seja orgulhosa de sê-lo. Mas como? Chegamos ao ponto em que devemos ainda repetir estes fatos incontestáveis àqueles que não se lembram ou não querem se lembrar, aos esquecidos, aos imprudentes, aos falsários e aos seus cúmplices?

Mas o pacto não foi sempre respeitado. Foi violado muitas vezes. Duplamente violado, não apenas pela violência abjeta, da qual a sua praça foi testemunha, mas também porque, se é verdade que o único modo que os homens têm de reparar um erro é fazer justiça a ele, o grande erro de 28 de maio de 1974<sup>2</sup>, mesmo tendo se passado vinte anos, não foi reparado. Democracia incompleta ou impedida, ou como se costuma chamar? Não, também ofendida, desviada ou violentada.

---

<sup>2</sup> O autor se refere a um atentado terrorista, ocorrido na Piazza della Loggia, em Brescia, Itália, em 28 de maio de 1974, chamado de “massacre da praça da Loggia”, que matou 08 pessoas e feriu cerca de 100. (Nota do revisor)